

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Texto de Edson Bueno & Ricardo Westphalen

E com a mão amiga de...

Ingmar Bergman, Machado de Assis, Fernando Pessoa, William Shakespeare,
Franz Kafka, Charles Chaplin, Friedrich Nietzsche, Renato Russo, Alvarez de
Azevedo...

ATOR A -

ATOR B -

MÚSICA (FRANK SINATRA) - ATOR B ARRUMA O CENÁRIO E LUZES COMO SE ESTIVESSE EM UM ESTÚDIO. TUDO ARRUMADO, ELE APONTA O REFLETOR PARA A ENTRADA DO ATOR A. ATOR A ENTRA. QUANDO O ATOR A SOBE NO PALCO, OS DOIS CRUZAM UM OLHAR.

ATOR A - Que foi? Algum problema?

ATOR B - Eu acho que você devia entrar com o paletó na mão. Passaria melhor a ideia de que você está chegando em casa e se despojando do cansaço do trabalho.

ATOR A - É. É verdade, eu não tinha me ligado neste detalhe.

ATOR B - O diabo mora nos detalhes.

ATOR A - E também ajuda a passar a ideia de que está bem calor e que eu estou entrando no inferno.

ATOR B - É. Embora não seja bem o caso. Pelo menos ainda.

ATOR A - Pelo menos ainda.

ATOR B - O inferno não precisa ser literal. Então vamos de novo?

ATOR A VOLTA PARA A MARCA DA ENTRADA. TIRA O PALETÓ E O COLOCA NA MÃO. ENTRA. SOBE AO PALCO. COLOCA O PALETÓ NUMA CADEIRA, A MALETA AO LADO.

ATOR A - O telefone?

ATOR B - No bolso direito do paletó.

ATOR A - Ah, sim.

ATOR A DISCA UM NÚMERO E FALA.

ATOR A - Alô! Opa, olá! Tudo bem? É. Infelizmente, eu não consegui passar por aí. Saí do trabalho com tantos relatórios na cabeça que acabei vindo pra casa no automático, quando eu vi a hora já tinha passado. Desculpe mais uma vez. (NT) - E deu tudo certo? Que bom. Na próxima vez eu prometo que não me distraio. Não devia, mas acontece. Acho que o teu pai anda precisando tomar uns remédios pra memória. (Ri, meio sem graça) - Na próxima vez você me manda uma mensagem uma hora antes e eu não caio em desgraça com meu filho mais querido. Manda? Promete? Ótimo! Mas você sabe que eu te amo, não

sabe? Viu? Sabe. Ok! Ok! Eu entendo. Então tchau, continuamos esta conversa outra hora. Mas você sabe que é um filho especial e sempre vai orgulhar seu pai. Sabe? Que bom! Qualquer hora quando nós dois tivermos tempo, vamos tomar um café e eu vou falar algumas coisas que você precisa saber. Mas precisamos de tempo, não é? Se precisar de alguma me ligue que eu sempre vou estar aqui. Ok? Ok! Beijo! Tchau!

Desliga.

ATOR A - (**Pensando alto**) - Eu sou mesmo uma besta!

ATOR B - Boa noite.

ATOR A - Boa noite.

ATOR B - Por onde começamos?

ATOR A - Por onde você quiser. Mas eu gostaria que fosse rápido. Eu estou cansado.

ATOR B - Vê-se pela tua aparência.

ATOR A - Estou um caco, não é? Mas também não tenho muitos motivos para parecer atraente. É o que temos para o momento.

ATOR B - Quanto dinheiro você ganhou hoje?

ATOR A - O suficiente.

ATOR B - E quanto isto te custou?

ATOR A - Eu diria que o fígado, mas não vou começar nossa conversa reclamando da vida.

ATOR B - Muito trabalho?

ATOR A - E alguma vez não foi assim?

ATOR B - Cansadíssimo?

ATOR A - Como sempre.

ATOR B - É o que eu sempre digo: viva como se você fosse morrer amanhã.

ATOR A - Aprenda como se você fosse viver para sempre. Mahatma Ghandi!

Ator B ri, irônico.

ATOR A - A ironia é uma forma elegante de ser mau.

ATOR B - Eu não sou mau, você sabe.

ATOR A - Não sei.

ATOR B - Eu quero começar pelo teu filho.

ATOR A - Como você quiser.

ATOR B - Esqueceu-se dele?

ATOR A - Esqueci, mas já resolvi.

ATOR B - E não foi a primeira vez.

ATOR A - Não foi a primeira, nem a segunda, nem a terceira. Mas ele me ama e compreende que o trabalho me consome e que eu tenho que priorizar porque é do meu trabalho que vem o dinheiro que paga a sua comida, a sua roupa e a sua faculdade. O futuro dele depende do meu presente. E o meu presente - esta loucura! - é o que temos para o momento.

ATOR B - Frase feita.

ATOR A - É. Pode ser. Mas é a verdade e eu e ele sabemos muito bem disso.

ATOR B – Ele sabe que você vai morrer?

ATOR A – Todo mundo vai morrer.

ATOR B – Não é disto que eu estou falando, você sabe.

ATOR A – Sei mais ou menos.

ATOR B – Não se faça de idiota.

ATOR A – Posso te fazer uma pergunta?

ATOR B – Claro!

ATOR A – Por que esta insistência em falar da morte?

ATOR B – Simples. Pra que todos lembrem que vão morrer.

ATOR A – Todo mundo sabe disso.

ATOR B – Há controvérsias.

ATOR A – Claro que sabe.

ATOR B – Pois eu aposto com você que a imensa maioria dos homens tem a mais absoluta certeza de que vai viver para sempre! (**Aponta para a própria cabeça**) – Aqui dentro todo mundo pensa que é imortal!

ATOR A – Eu não.

ATOR B – Você não é todo mundo.

ATOR A – Não.

ATOR B – Então que tal fazermos um exercício de imaginação?

ATOR A – Ah, vem você! Eu estou cansado, cansado e cansado. A coisa que eu mais quero é tomar um banho, comer alguma coisa, assistir qualquer merda na televisão e apagar. E você vem me sugerir um exercício de imaginação? Olha! Eu, neste momento, não tenho imaginação nenhuma!

ATOR B – Pois eu arrisco! Digamos que há alguns minutos, um segundo e meio antes de você pegar o celular e ligar para o seu filho e dizer toda aquela mentiraiada que você disse; você tivesse tido um ataque do coração e tivesse morrido e agora, ao invés de estar falando comigo, você estaria aí mesmo, só que caído no chão, morto e sem respirar. Que tal?

ATOR A – Digamos, digamos! E daí?

ATOR B – Eu que pergunto. O que teria alterado no universo o teu desaparecimento repentino?

ATOR A – Simples. O meu filho teria que começar a trabalhar ou abandonaria a faculdade, a minha ex-mulher pararia de me encher o saco, ligando uma vez por dia pra saber se o advogado já resolveu as questões do divórcio e a minha filha, que está no exterior, ia ter que voltar correndo porque não ia mais ter dinheiro pra custear sua pós-graduação em engenharia marítima. Mas, claro...

Pequena pausa.

ATOR B – Mas, claro?

ATOR A – Isso. O resto seria pura divagação.

ATOR B – Não! Não desista! Tudo o que você falou é o lógico evidente. Só que depois do “mas, claro” viria a imaginação. E aí você desistiu! Vai ficar aí, de bico fechado, sonhando o melhor?

ATOR A – Pra que isso?

ATOR B – Por que você tem pouco tempo e sabe disso. Porque a sua vida está aqui, na palma da minha mão e você também sabe disso, mas faz de conta que

não sabe por que tem medo do que vem depois do “mas, claro”! Que tal? Imaginação, imaginação e mais imaginação!

ATOR A – Eu não consigo entender aonde você quer chegar.

ATOR B – Vou ser mais específico. Tirando o dinheiro, o que sobra da tua divagação sobre a tua morte e a tua família?

ATOR A – Ok. Agora eu entendi tudo. Eu sou um sujeito que trabalha do nascer do sol até o nascer da noite, dou conta de trocentos funcionários que me odeiam porque acham que eu os fico pressionando para trabalharem cada vez mais, exigindo produtividade, disciplina e concentração; não tenho tempo de ler um livro, ir a um cinema, um restaurante, um teatro. Não tenho tempo de sair por aí pra ver se arranjo outra mulher, já que a minha engraçou-se por um cara dez anos mais jovem e me deu um pé na bunda e você fica esperando que eu abra a porta, entre com cara de fracassado, pra fazer terrorismo e dizer que a minha ex-família só precisa de mim porque eu represento dinheiro e que afetivamente eles estão se lixando se eu estou vivo ou morto. É isso? Era este o exercício de imaginação que você queria que eu fizesse? Pronto! Fiz. Estou esgotadíssimo e daqui a pouco eu vou apagar, dormir, sem nem ter tomado banho ou comido alguma coisa.

ATOR B – Ou vai perder o sono.

ATOR A – O que é bem pior, porque amanhã a coisa vai ficar brava no escritório e eu preciso estar com todas as minhas energias pra encarar todas as barras! Como sempre!

ATOR B – Em outras palavras...

ATOR A – Eu sou um fodido! Não fosse a realidade e eu seria um homem realizado e feliz. Obrigado pela colaboração!

ATOR B – Que tal começar do zero?

ATOR A – E eu tenho alternativa?

ATOR B – Não.

ATOR A – Então vamos lá.

O Ator A pega o paletó e volta para o começo da cena. O ator B coloca outra música do Frank Sinatra e muda alguns detalhes do cenário. Muda o lugar de alguns refletores e aponta outro para o Ator A.

ATOR A – Qual é a deixa?

ATOR B – O arrependimento.

ATOR A – Não sei se lembro de todas as palavras.

ATOR B – As palavras não são assim tão importantes.

ATOR A – É, não são mesmo.

ATOR B – Pronto?

ATOR A – Pronto.

ATOR B – Pode começar.

ATOR A – A família. Se eu soubesse... Se eu soubesse que... Se eu soubesse que essa seria a última vez que eu veria qualquer um de vocês... Eu... Eu abraçaria, beijaria e ficaria um pouco mais com cada um. E pediria ao Senhor que protegesse todos. Se... Se eu soubesse, se eu soubesse que essa seria a última vez que ouviria vocês falarem, reclamarem ou mesmo pedirem qualquer coisa,

eufilmaria cada gesto, cada palavra, para que eupudessever e ouvir de novo, dia após dia antes da minha morte.

Pausa.

ATOR B - Pode vir.

O Ator A atende e vai ao palco. Os dois se olham.

ATOR A - Há qualquer coisa de muito cruel nisso tudo.

ATOR B - E você esperava que fosse diferente?

ATOR A - Pra ser sincero, esperava. Ou melhor, não esperava, não! Não esperava nada. Poderia ser mais rápido e indolor.

ATOR B -Eu acho que você está blefando.

ATOR A - Pode parecer que sim, mas o que eu gostaria que você entendesse é que em última análise eu não consegui fazer tudo o que eu queria e você está me roubando esta oportunidade.

ATOR B - Já percebeu a quantidade de verbos no futuro do pretérito que usamos durante a vida? Eu faria, diria, amaria, beijaria, pagaria, viajaria, dormiria, correria, transaria, abraçaria, compraria, abriria, fecharia. E se você morresse amanhã, o que diria a você mesmo? O que diria aos outros?

ATOR A - Não diria nada porque eu estaria morto.

ATOR B - Engraçadinho!

ATOR A - Pelo menos você me dê um momento engraçadinho, porque até agora o engraçadinho tem sido você.

ATOR B - Quer que eu te diga uma coisa nada engraçadinha?

ATOR A - Não, não quero!

ATOR B - Só que você não tem escolha.

ATOR A - Se eu não tenho escolha, por que você pergunta?

ATOR B - Por educação.

ATOR A - Ah, tá! Então diga.

ATOR B - Você não é um homem.

ATOR A - Eu sou um vegetal, é isso?

ATOR B - Não! Você é um clichê. E não faz esforço nenhum pra ser um pouquinho original.

ATOR A - Não tenho tempo.

ATOR B - Me diz uma coisa. Você amou de verdade a tua mulher?

ATOR A - Pra que você pergunta? Você já não sabe tudo do meu passado! Detalhe por detalhe tudo, absolutamente tudo, desde o meu primeiro choro, a minha primeira mamadeira!

ATOR B - Hmmm. Você está fugindo da resposta.

ATOR A - É que é uma pergunta irrelevante. Eu me separei da minha mulher porque ela se apaixonou por outro sujeito e antes que ela me traísse descaradamente preferiu ir morar com ele. Se o final da história é esse, qual a importância do começo da história?

ATOR B - Eu ainda acho que você está fugindo da resposta.

ATOR A - Qual era mesmo a pergunta?

ATOR B – Você amou, de verdade, a tua ex-mulher?

ATOR A – Amor? Amor? Ah, você vem com essa agora? Vou te dizer o que é o amor. O amor não é outra coisa além de luxúria em estado puro. Sexo que desemboca em enganos, mentiras, traições e tolices.

ATOR B – Mas você há de convir comigo que morrer de amor seria um prazer.

ATOR A – O amor é a pior das pestes.

ATOR B – Se tudo é imperfeito neste mundo imperfeito, então o amor é perfeito em sua imperfeição.

ATOR A – Palavras.

ATOR B – Não estamos conversando?

ATOR A – Você é feliz por dizer este tipo de coisa e acreditar nela.

ATOR B – Acreditar? **(Ri)** - Não, eu não acredito. Só gosto de dar conselhos.

ATOR A – Antes de levar as pessoas para o limbo sem dar-lhes a chance de fazer tudo o que poderiam ter feito.

ATOR B – Mas eu arrisco dizer que mesmo que você negue até o último instante, você amou a sua mulher. E vou dizer mais: ainda ama.

ATOR A – Não sei.

ATOR B – Era bom que você admitisse.

ATOR A – Então se eu admitisse pra você que eu a amo ainda e que me consome saber que ela encontrou alguém que ela acha que é melhor do que eu. Que é um dos aspectos da vida que mais me desaponta. Você conhece uma pessoa, parece ter encontrado a razão da sua vida, troca com ela carinhos, carícias, fazem planos, casam-se, têm filhos e com o tempo percebem que o melhor seria que não tivessem casado, talvez que nem tivessem se conhecido, porque os desejos e as expectativas são outros. Que tal? Por que eu tenho que me sentir o único culpado por um fracasso de casamento? E você, você vem aí com seu dedão de morte apontar os meus defeitos e me sobrecarregar de culpas. Poderia ser diferente, não? Você poderia vir até mim me dar algum conselho produtivo, alguma coisa que iluminasse o meu espírito, o meu caminho, por exemplo. Que tal?

ATOR B – Eu sou a morte, não o Paulo Coelho.

ATOR A – Então é isso. Eu estou em tuas mãos e é você quem decide tudo, até o que eu poderia ter sido e não fui.

ATOR B – Que tal repetir a marca de ontem? Que tal tentar mais uma vez?

ATOR A – Uma segunda oportunidade.

ATOR B – Eu estou te propondo uma repetição. Você diz se topa ou não topa.

ATOR A – Topo.

Os dois mudam todas as marcas, inclusive de luz e de cenário.

ATOR A – Falta muito?

ATOR B – Não.

ATOR A – Então vai ser esta noite.

Outra pequena pausa.

ATOR A – Se eu te pedisse mais um tempo, em nome desta nossa convivência, você me daria?

ATOR B – Eu te respondo com outra pergunta. Pra que é que você quer mais tempo? Não está de saco cheio do espetáculo da vida e da luta? Você acha que já não viu e já não viveu tudo o que proporcionou de bom e de ruim a si próprio? Que mais você quer?

ATOR A – Isto é problema meu.

ATOR B – Se você tivesse tempo de ler ou ir ao teatro eu aconselharia Shakespeare.

ATOR A – Eu sei quem é Shakespeare.

ATOR B – A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco – faz isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando absolutamente nada.

ATOR A – Ok. Suponhamos que eu tenha desperdiçado tudo o que ficou pra trás. Mas se você me der mais alguns instantes, que tal que nestes instantes eu descubro o verdadeiro amor pela vida?

ATOR B – Ah, você sabe que a vida não precisa mais de você.

ATOR A – Não pode ser.

ATOR B – Escuta. Machado de Assis! não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem.

ATOR A – Então?

ATOR B – Simples. Aparentemente o minuto que vem é forte, alegre e parece trazer em si a eternidade. Mas o que ele traz? Hã? Olhe nos meus olhos e responda com toda a franqueza do teu coração. O que ele traz?

ATOR A – A morte.

ATOR B – Isso! E aí o minuto desaparece como o outro minuto. Mas o tempo – o tempo! – permanece. Porque não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem.

Pequena pausa.

ATOR A – Ainda assim eu te peço mais um tempo.

ATOR B – Vem cá. Vou te mostrar uma coisa. Feche os olhos.

Ator A fecha os olhos.

ATOR B – Agora abre.

Ator A abre os olhos.

ATOR B – O que é que você vê?

Silêncio.

ATOR B – O que é que você vê?

ATOR A – Flagelos.

ATOR B – Que mais?

ATOR A – Delícias.

ATOR B – Defina flagelos e delícias.

ATOR A – Eu vejo tudo.

ATOR B – Seja mais específico.

ATOR A – Eu vejo desde essa coisa que se chama glória até a outra que se chama miséria.

ATOR B – E o amor? Você vê o amor?

ATOR A – Vejo.

ATOR B – Defina.

ATOR A – O amor multiplicando a miséria e a miséria agravando a debilidade.

ATOR B – Mais!

ATOR A – A cobiça que devora.

ATOR B – Que mais?

ATOR A – A cólera que inflama.

ATOR B – Muito bom.

ATOR A – A inveja que baba.

ATOR B – Mais ainda.

ATOR A – A ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor e todos agitando todos os homens.

ATOR B – E você entre eles.

ATOR A – Sim.

ATOR B – Até destruí-los como farrapos!

ATOR A – Na mosca!

ATOR B – Então o homem, flagelado e rebelde, corre, diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos. Uma figura que ele nunca vai conseguir alcançar de verdade; uma figura costurada com o fio mais vagabundo e com a agulha da ilusão. Que figura é esta?

ATOR A – A felicidade.

ATOR B – A danada. Que o homem crava no peito quando ela faz de conta que se deixa apanhar pelos retalhos; mas então ela ri, como um escárnio e, maldita, some como uma ilusão. Que tal?

ATOR A – Que tal o quê?

ATOR B – Eu no teu lugar estaria chocado.

ATOR A – Estou.

ATOR B – Muito?

ATOR A – Muito.

ATOR B – Eu imaginava.

ATOR A – E o que vai acontecer agora?

ATOR B – O telefone vai tocar!

Toca o telefone. Ator A “acorda” e começa a procurar o celular que toca insistente e ele não consegue lembrar onde deixou.

ATOR A – Cacete! Onde está este celular?

ATOR B – No bolso direito do seu paletó.

Ele apanha o celular e atende.

ATOR A – Alô! Alô!

Ator A começa a falar ao telefone enquanto o ator B fala à plateia.

ATOR B – Vou lhes fazer aqui uma confissão e garanto que vocês são privilegiados, porque isso é raro. Não sou dado a revelar meus procedimentos, mas eu acho que vocês, pelo menos nesta noite, merecem. A coisa mais injusta sobre a vida é a maneira como ela termina. Eu acho que o verdadeiro ciclo da vida está todo de trás pra frente. Nós deveríamos morrer primeiro. Que tal? Livrar-nos logo disso. Daí viver num asilo, até ser chutado pra fora de lá por estar muito novo. Ganhar um relógio de ouro e ir trabalhar. Então você trabalha 40 anos até ficar novo o bastante pra poder aproveitar sua aposentadoria. Aí você curte tudo, bebe bastante álcool, faz festas e se prepara pra faculdade. Você vai pro colégio, tem várias namoradas, vira criança, não tem nenhuma responsabilidade, se torna um bebezinho de colo, volta pro útero da mãe, passa seus últimos nove meses de vida flutuando. E termina tudo com um ótimo orgasmo!!! Não seria perfeito?

Ator A deixou o telefone.

ATOR A – Enquanto você banca o irônico eu faço o gênero patético.

ATOR B – Nem sempre nesta ordem.

ATOR A – Me liga o advogado para acertarmos detalhes do divórcio. E combinamos um encontro para amanhã. E aí eu organizo toda a minha agenda para encontrar uma hora no meio da tarde para falar sobre dinheiro. O meu dinheiro que é meu mesmo e o meu dinheiro que vai deixar de ser meu. O que eu vou querer que fique pra mim, o que vai ficar para minha ex-mulher e para os meus filhos. Eu desabafo e digo pra ele que o que eu quero mesmo é paz, então que deixe tudo para eles e foda-se. Então ele me chama de idiota – essa é a segunda vez em menos de meia hora que eu sou chamado de idiota! – porque estou movido pela emoção e que as coisas não devem ser assim. Ele está certo, é um advogado.

ATOR B – E o que esse diálogo tem de patético?

ATOR A – O diálogo é só deprimente. Patético é eu organizar minha agenda e marcar um encontro para amanhã. Eu nem sei se vou estar vivo amanhã. Vou?

Pequena pausa.

O Ator B muda novamente o cenário e aponta um refletor para o Ator A.

ATOR A – E se eu morrer nesta noite, dormindo, tudo vai ficar mais fácil, não? Eles dividem o espólio, o advogado fica com 20%, todos vão cuidar das suas coisas em paz e se restabelece o equilíbrio no universo.

Outra pequena pausa.

O Ator B abre a luz.

ATOR B – A verdade é que quanto mais tempo levar pra resolver a questão, mais eu me entedio. Se não te levar hoje e deixar pra amanhã, o que eu faço até lá? Entende?

ATOR A – Sei lá. Arranje um hotel, vá ao cinema, tome uma cerveja. Não crie caso. Vá assistir a um stand-up. Que tal? A cidade está cheia deles. Os caras fazem muita piada com a morte.

ATOR B – E você acha que eu vou rir?

ATOR A – Senso de humor é sinal de inteligência. Se você não achar engraçado, mata o stand-up.

ATOR B – É uma ideia! Pode ficar engraçado.

ATOR A – Tipo: O trabalho mais fácil do mundo é o do médico legista. Operar quem já morreu. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Se tudo der errado, o máximo que vai acontecer é o coração do defunto voltar a bater. **(Ri)**

Ator B não demonstra maiores reações.

ATOR A – Você nasce sem pedir e morre sem querer. Aproveite o intervalo!

Ator B continua não demonstrando reações.

ATOR A – Sou um stand-up morto, é isso?

ATOR B – Achei engraçado. Tudo é uma questão de ponto de vista.

ATOR A – Quero começar de novo.

ATOR B – Uma nova tentativa.

ATOR A – Exato.

ATOR B – Então é pra já.

O Ator A pega seu paletó e volta para a marca do início do espetáculo. O Ator B muda o cenário, pega uma garrafa de vinho, duas taças, um abridor e os coloca sobre a mesa. Aponta o refletor para o Ator A.

ATOR A – Quem é você?

ATOR B – Viva o hoje, amanhã se foi, esse sou eu.

Pausa.

ATOR A – Quer um vinho?

ATOR B – Aceito se for bom.

ATOR A – Los Vascos Cabernet Sauvignon – Chileno. Que tal?

ATOR B – A safra de 2011 é excepcional!

ATOR A – Então você está com sorte.

Pequena pausa.

ATOR A – Eu é que não estou.

Ator B ri muito.

ATOR A – É o que eu disse. Toda vez que eu quero ser engraçado, o máximo que consigo é parecer patético.

Ator A vai abrir a garrafa de vinho que está na mesa.

ATOR B –O caso é que diante da iminência da morte as pessoas raramente são bem humoradas. Tendem a ficar melodramáticas, sentimentais. Começam a falar coisas que soam como autoajuda. Mas elas vão morrer e deveriam saber, por experiência, que os vivos não vão levar a sério uma só das palavras do moribundo e vão seguir a vida achando que o que vale para o defunto não vale para elas. Porque elas são “especiais”!

ATOR A – **(Trazendo o vinho, as taças e abrindo a garrafa)** – Eu, pelo menos, reconheço que a minha vida está uma merda. Como diz você, eu vivo no futuro do pretérito.

ATOR B – Não quero ser desagradável neste momento de descontração, mas você tem quarenta anos, é isso?

ATOR A – Você sabe.

ATOR B – Sei. **(NT)** – Então, o pior é você perceber que não fez o que deveria ter feito e agora não lhe sobrar mais tempo para fazer. O sujeito pode morrer com a sensação de tempo perdido.

ATOR A – E eu vou levar esta frustração para o além?

ATOR B – Você vai saber.

ATOR A – Tchim, tchim?

ATOR B – Tchim, tchim!

ATOR A – Aos malucos que tem a coragem de dizer “eu te amo” para as pessoas que amam, ao invés de assumir que elas já sabem disso.

ATOR B –Aos idiotas que dizem “eu te amo” com a mesma indiferença com que dizem “saudade de você”, “tudo bem aí?”, “amado”, e etc.

ATOR A – Não é hora para novas ironias. Ok?

ATOR B – Ok.

Bebem.

ATOR A – Diz aí.

ATOR B – O quê?

ATOR A – Como é o além?

ATOR B – Você vai saber.

ATOR A – Você já viu Deus?

ATOR B – Digamos que sim.

ATOR A – Já conversou com ele?

ATOR B – Algumas vezes.

ATOR A – Hmmmm.... Você está com cara de quem está mentindo.

ATOR B – Talvez.

ATOR A – Mais uma pergunta. Se você já falou com Deus, talvez possa esclarecer uma dúvida minha.

ATOR B – Qual?

ATOR A – Quando o papa morre, ele está sendo promovido ou demitido?

Os dois riem.

Bebem.

ATOR A – Bêbados vão para o céu ou tem que passar pelo purgatório antes?

ATOR B – Depende.

ATOR – É. Depende, depende. Tudo depende.

Bebem.

ATOR A – Não seria uma má ideia encher a cara no meu último dia.

ATOR B – Não “seria”?

ATOR A – Não é!

Bebem.

ATOR B – **(Para a plateia)** – Vou lhes dizer outra coisa que talvez não saibam. A morte sempre chega cedo. Por quê? Porque toda a vida é breve. O instante, como este aqui, este que estamos vivendo agora, é só a imitação de alguma coisa perdida. O amor foi começado, o ideal não acabou e quem tenha alcançado o amor e o ideal, não sabe o que alcançou. E tudo isto a morte – eu – apaga por não estar certo. Acreditem amigos, a vida de qualquer um de vocês já está contada no caderno da sorte que Deus deixou aberto. Vocês todos são um livro aberto e incerto. Eu não, eu sou a morte certa. Ponto final.

ATOR A – Pensando aqui com os meus botões.

ATOR B – Então?

ATOR A – Alguém mais te implorou pela vida? Por mais algum tempo?

ATOR B – Hmm... 70% das pessoas têm medo da morte. São os covardes, culpados e medrosos; os que têm alguma coisa a perder... 20% esperam por ela ansiosos. São os cansados, fracassados, desencantados. E uns 10% não estão nem aí. Por aí você pode tirar alguma conclusão.

ATOR A – A imensa maioria implora pela vida.

ATOR B – Shakespeare! O que é mais nobre? Aceitar passivamente as flechadas do destino feroz ou enfrentá-lo de peito aberto e no meio da luta, morrer? Morrer, dormir. Só isso. E com o sono, extinguir as dores do coração e as mil aflições naturais a que a vida está sujeita. Não é mais simples e mais lógico? Morrer, dormir... Dormir! Talvez sonhar.

ATOR A – Se tivéssemos a certeza de não sonhar.

ATOR B – Mas aí está o obstáculo! – **(serve vinho na taça do Ator A)** – Os sonhos que virão com o sono da morte fazem-no hesitar. E é essa reflexão que dá à desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, a afrontado opressor, o desdém do orgulhoso, as pontadas do amor humilhado, as enrolações da lei, a prepotência do mando, e o achincalhe que o mérito paciente recebe dos inúteis, podendo, ele próprio, encontrar seu repouso num simples punhal? Hã? Quem aguentaria fardos, gemendo e suando numa

vida servil, senão porque o terror de alguma coisa após a morte confunde a vontade, fazendo com que o homem suporte males que já conhece, ao invés de fugir para outros que desconhece? E assim, meu amigo e companheiro de vinho, que a reflexão sobre a morte – não a morte em si! A reflexão! – faz de todos os homens uns covardes.

ATOR A – Você está sugerindo que eu facilite o teu trabalho e me mate?

ATOR B – (**Servindo vinho na taça do Ator A**) - Sinceramente? A mim não faz a menor diferença.

ATOR A – Percebi uma coisa.

ATOR B – O quê?

ATOR A – Enquanto eu tomei três taças de vinho, você deu só alguns goles na sua primeira taça. E isto é uma prova evidente de que você está tentando me embriagar enquanto fica sóbrio. Isto é sujeira! Covardia! Jogo sujo! Eu sou um simples humano me debatendo entre a vida e a morte. E você é só a morte. Sem conflitos, sem contradições, sem culpas.

ATOR B – A morte implacável!

ATOR A – É uma relação desproporcional.

ATOR B – Sou obrigado a admitir que sim.

ATOR A – Mais uma pergunta.

ATOR B – Diga.

ATOR A – É verdade que só o peru morre na véspera?

Pequena pausa.

ATOR B – Não. (**Serve-lhe mais vinho na taça**)

ATOR A – Então a morte também é relativa.

ATOR B – A morte é a morte.

ATOR A – Injusta! Você não concorda comigo?

ATOR B – Não é uma questão de justiça ou injustiça. É uma questão de que é aconselhável “amar as pessoas como se não houvesse amanhã”.

ATOR A – Renato Russo. Por que você cita ele agora?

ATOR B – Pra que você não pense em mim como uma figura medieval. Eu também sei ser moderno.

ATOR A – O Renato Russo morreu há 19 anos.

ATOR B – Eu sei.

Pequena pausa.

ATOR A – Sabe que eu sempre quis cantar esta música? Em público eu quero dizer. Mas eu sou a pessoa mais desafinada do mundo e nunca quis estragar uma coisa tão linda. Conhecer as próprias limitações é uma qualidade.

ATOR B – Sem dúvida. (**Serve mais vinho na taça do Ator A**) -

ATOR A – Isto deveria me dar algum crédito, afinal de contas eu posso ser relapso com meus filhos, afetivamente quero dizer! Posso não ter dado a atenção que a minha mulher merecia. Talvez não seja o melhor patrão do mundo e exija dos meus subordinados mais do que eles podem oferecer. Mas vivemos num país capitalista, não? Qualquer deslize e as dívidas e a falência

batem à nossa porta. Talvez, talvez, talvez. Mas eu sei que são males menores diante da humanidade. Quanta monstruosidade é cometida pelos ditadores, pelos assassinos, pelos políticos, pelos falsos profetas, pelos corruptos, pelos ladrões da alma alheia. Eu, na minha mediocridade, não chego nem perto de cada um deles. Então que se não tenho do que me orgulhar, pelo menos não tenho do que me envergonhar. Isto não merece crédito?

ATOR B – Este nosso encontro não tem nada a ver com merecimento.

ATOR A – É. Tem a ver com o que eu poderia ter feito e não fiz. Com o que eu adiei achando que teria mais tempo pra compensar, mas agora não tenho.

ATOR B – Tem a ver com a morte. Simplesmente.

ATOR A – Pois é. E quanto mais eu tento argumentar com você, mais percebo o vazio. O vazio é um espelho que reflete no meu rosto.

ATOR B – Bonito. Doloroso, mas bonito.

ATOR A – Você tem sentimentos?

ATOR B – Humanos?

ATOR A – Só conheço os sentimentos humanos.

ATOR B – Não. Melhor responder assim, talvez fique mais fácil para você compreender.

ATOR A – Não, não quero ser melodramático neste último momento, mas a verdade é que eu vejo a minha própria imagem e...

ATOR B – E?

ATOR A – Sinto uma espécie de repugnância, e...

ATOR B – E?

ATOR A – Medo.

ATOR B – Você desperdiçou o tempo que ganhou. Só isso.

ATOR A – Achei que ia viver até os 80 pelo menos.

ATOR B – E não vai passar dos 40.

ATOR A – É.

ATOR B – É.

Pequena pausa.

ATOR B – Hora de alterar o foco. Para o teu bem, embora você não entenda.

ATOR A – Deixa eu colocar a taça na mesa.

ATOR B – Não, não! Pode continuar bebendo.

ATOR A – Ok.

Ator B serve mais um pouco de vinho para ele e muda novamente o cenário e a luz.

ATOR A – Onde estão as pessoas que eu deveria amar? Minha filha no exterior... Sabe há quanto tempo eu não a vejo? Quase três anos! Meu filho que mora na mesma cidade que eu, mas com quem só falo pelo telefone, minha mulher que me trocou por outro com uma naturalidade sádica. **(Pausa)** – E todos os outros também. Não é? Os outros que vivem à minha volta. Sabe que às vezes não cumprimento as pessoas que encontro no elevador? Aliás, eu nem as vejo. Nem o motorista do taxi, nem o garçom, o caixa do banco, o porteiro...

Pela indiferença ao próximo, fui rejeitado por ele. Eu vivonum mundo assombrado, fechado com as minhas mesquinhas. É isso.

ATOR B - Agora quer morrer?

ATOR A - Não! Eu não quero.

ATOR B - Eu não estaria aqui se você não quisesse.

ATOR A - Quero, mas não já. Por favor, mais um pouco, mais um tanto! Nem precisa ser muito.

Olham-se. Silêncio. Ator B serve mais um pouco de vinho na taça do Ator A.

ATOR A - E se ao invés da morte, eu tivesse recebido a visita de algum outro mito? Um que ao invés do fim de tudo, viesse pra me estender a mão? Fazer um carinho? Dar uma chance? Um que me ajudasse a compreender o mundo? Mas eu recebo é a visita da morte e ela me diz que simplesmente não há nada para fazer a não ser entregar-se e perceber o tempo perdido e desperdiçado.

ATOR B - A vida é o pânico num teatro em fogo!

ATOR A - Você, a morte, é suspeita para falar da vida.

ATOR B - Sou mesmo. Mas eu e a vida não somos inimigos, absolutamente! Ela cuida das coisas dela e eu cuido das minhas.

ATOR A - As pessoas quase nunca pensam na morte, mas um dia terão que olhar para a escuridão.

ATOR B - Sim, um dia.

ATOR A - A minha vida tem sido de buscas, caçadas, atos, conversas e relações sem sentido. Uma vida sem sentido. Não falo isso com amargura ou reprovação. Sabe por que eu te peço um pouco mais de tempo? Só porque eu quero usar esse tempo pra fazer algo de bom. Beijar os meus filhos, pedir desculpas à minha mulher, olhar os empregados como gente e não como trabalhadores, sei lá. Eu estava pensando aqui. Acho que eu nunca disse "eu te amo" pra ninguém. Nem para as pessoas que me amaram e que já morreram. Meus pais, meu avô.

ATOR B - Nem pra tua ex-mulher?

ATOR A - Não fique fazendo perguntas cujas respostas você já conhece! Você é a morte, não é um jornalista!

ATOR B - Eu sou um falador. Que fala coisas que magoam os outros. Palavras que são machados que buscam quebrar o mar de gelo que há dentro dos homens.

ATOR A - Você é a morte. Fria e seca.

ATOR B - Prazer.

ATOR A - E eu ainda vou convencê-lo.

ATOR B - Como?

Pequena pausa. Ator B levanta a garrafa vazia.

ATOR A - Acabou o vinho. E eu estou meio bêbado.

ATOR B - Sobrou um pouco na minha taça. Aceita?

ATOR A - Aceito.

Ator B passa-lhe a taça.

ATOR A – Eu sou um homem bom. Veja. A morte me trata melhor que a vida.

ATOR B – Esperar que a vida te trate bem porque você é uma boa pessoa é como esperar que um tigre não te ataque porque você é vegetariano.

Pequena pausa.

ATOR A – Como você é inteligente!

ATOR B – Obrigado.

ATOR A – Sabe, eu sempre soube que este vinho era de primeira. Não me arrependo de ter tomado a garrafa toda. Você não sabe o que perdeu.

Bebe de um gole só.

ATOR B – **(Para a plateia)** – Vou lhes contar uma fábula curta, mas que é, em todos os seus detalhes, o meu estilo. Em outras palavras, uma fábula que pode ser um sonho, um pesadelo ou a mais cruel realidade. Eu a escrevi na primeira pessoa pra que tivesse mais impacto. É assim. Era muito cedo e as ruas estavam desertas. Eu precisava chegar em algum lugar que eu não sabia direito qual era, mas precisa chegar rápido, pois era uma questão de vida ou morte. No caminho confrontei o meu relógio com o relógio da torre. O meu tinha parado e então eu percebi que já era muito mais tarde do que eu imaginava. E que eu precisava me apressar, pois uma grande desgraça – que eu também não sabia qual era! – aconteceria se eu não chegasse a tempo! O choque da descoberta fez com que eu me sentisse em dúvida quanto ao caminho então que eu estava a ponto de entrar em pânico! Pânico! Pânico! Pânico! Felizmente havia um policial por ali. Corri até ele e, quase sem fôlego, perguntei-lhe o caminho. Ele sorriu. Ele sorriu e disse: A mim você vem perguntar o caminho? Sim, eu respondi. Já que não consigo achá-lo sozinho e o tempo é meu inimigo. Então o policial olhou profundamente nos meus olhos e disse sem pestanejar: Desista! Desista!

Ator A aproxima-se dele com a garrafa vazia.

ATOR A – Eu tenho mais uma garrafa. Quer?

ATOR B – Se você estiver disposto.

ATOR A – O vinho chileno é serventia da casa e eu costumo dividi-lo com os amigos. **(Vai pegar a garrafa)** – Mais uma pergunta!

ATOR B – Diga!

ATOR A – A morte nunca fica bêbada?

ATOR B – A morte tem o saudável costume de estar sempre sã, porque quando ela bebe demais acaba levando gente antes da hora e depois tem que devolver.

ATOR A – Ou depois da hora.

Ator A vai buscar a garrafa na coxia.

ATOR B – É. E falando o que não devia.

ATOR A - **(Da coxia)** - Quer que eu te diga uma coisa? A morte é sórdida!

ATOR B - Às vezes.

ATOR A - **(Da coxia)** - Cruel!

ATOR B - Na maioria das vezes.

ATOR A - **(Entrando)** - Sádica!

ATOR B - Você não pode imaginar o quanto!

ATOR A - **(Abrindo a outra garrafa)** - Você me dá a garantia de que antes desta segunda garrafa ficar vazia, você não me leva?

Ator B ri.

ATOR B - Quanto tempo um condenado quase bêbado leva para esvaziar uma garrafa de Los Vascos Cabernet Sauvignon?

ATOR A - Se ele quiser, uma eternidade.

ATOR B - Exato! Daí que eu seria um idiota se condicionasse o meu trabalho à eternidade.

ATOR A - E eu fico tentando bancar o espertinho.

ATOR B - Na prática você continua perdendo tempo.

ATOR A - Ok. Você é inteligente, sádico, tem respostas pra tudo e vai decidir o momento exato em que o meu coração vai deixar de bater. E eu fico aqui, tentando negociar algum tempo para que eu faça alguma coisa que eu nem sei direito o que é. E você ri por dentro, jogando comigo como um gato que caça o rato e fica empurrando ele, vivo, daqui pra lá, de lá pra cá, só pelo prazer de vê-lo debater-se pela vida. E quando o gato se cansa da brincadeira, simplesmente taca uma dentada na jugular do rato. E o rato não é mais rato e o gato continua sendo gato.

ATOR B - Eu até gostaria de te dar uma chance, sinceramente, gostaria. Mas não é o caso. Seria quebrar uma regra a troco de nada.

ATOR A - Afeiçoou-se por mim? Desenvolveu algum tipo de simpatia? Poderíamos inverter todas as coisas, revolucionar a marcha dos tempos e ficarmos amigos. Que tal?

ATOR B - A morte não tem amigos, a morte não se apaixona, a morte não cria vínculos.

ATOR A - E uma partida de xadrez? Se eu ganhar você me dá um pouco mais de tempo de vida e se você ganhar, me leva e acabou-se.

ATOR B - Coisa de cinema sueco. E você sabe que eu ganharia fácil, fácil!

ATOR A - Como no cinema.

ATOR B - É. Como no cinema... Sueco!

ATOR A - Deve ser horrível atravessar a eternidade sem conflitos, sem paixões, sem emoções, apenas cumprindo sua missão metodicamente. Deve ser horrível.

ATOR B - É uma questão de vocação.

ATOR A - **(Oferecendo o vinho)** - Beba um pouco! Eu acho que por trás desta persona equilibrada, tem uma morte tímida que tem medo de mostrar a verdadeira face que o vinho tem o dom de provocar. E digo mais, toda vez que você fica silenciosa ou dá uma pausa dramática e de efeito, não é por mistério nem por teatro, mas porque não tem mesmo nada pra dizer. **(Oferece de novo)** - Beba! Faça esta gentileza a mais uma de suas vítimas!

Ator B pega a taça e bebe.

ATOR B – O caso é que eu sou meio fraco com o álcool.

ATOR A – Você fica tão... Tão humano, permitindo-se este exagero. **(Bebe ele também)** - Eu acho que se o álcool subir um pouco mais, você vai acabar abrindo um leve sorriso malandro, daqueles que derrubam qualquer fortaleza. Porque tudo bem, você chegou em mim de mansinho, acariciando, até o ponto em que chegaremos os dois à conclusão de que este é o momento definitivo. Mas o teu trabalho tem suas comédias. O que passa pela tua cabeça quando você ao invés de ser dramático, resolve ser humorista e vai buscar um sujeito, por exemplo, quando está fazendo sexo?

Ator B começa a rir.

ATOR – A morte mediante.

Ator B continua a rir.

ATOR A – Do que é que você está rindo? Eu sei. Lembrou-se de um momento desses, não é?

Ator B ri. Ator A ri junto e os dois se divertem.

ATOR B – Na verdade eu estava rindo de uma situação dramática, daquelas bem horrorosas. Como as pessoas ficam patéticas diante da morte!!! São poucas as que se despedem da vida com dignidade.

ATOR A – Você é detestável.

ATOR B – Eu disse. O sadismo é a minha especialidade.

ATOR A – Espere aí.

ATOR B – O quê?

ATOR A – Agora quem vai mudar a cena sou eu.

ATOR B – Qual é mesmo a deixa?

ATOR A – É... o desabafo!

Ator A muda a cena e a luz.

ATOR A – Você me perdoe a sinceridade, maseu te acho, menos do que sádico. Te acho um chato de galochas! Previsível, nada original e óbvio. Sem charme, sem emoção e sem paixão. Eu tenho pena de você! Quanto a mim? É bom pra qualquer homem, diante da vida ou da morte, reconhecer quando perdeu. Antoine de Saint-Exupéry era piloto, um dia aventurou-se pelo deserto e desapareceu para sempre. Escreveu: “Viva o hoje, pois o ontem já se foi e o amanhã talvez não venha.” Que merda é você deparar-se consigo mesmo e compreender que deveria ter feito tudo o que prometeu que faria e não fez. Não fez porque quem diz que vai fazer, quase sempre não faz. Como eu, que desde o primeiro momento em que te vi te achei um babaca, um porre! E não falei por

educação e humildade diante da grandeza do universo. Mas agora estou falando. Quer saber? Caguei pra você! **(Toma vinho)** -

ATOR B - Você precisa embebedar-se pra deixar de ser hipócrita?

ATOR A - Eu bebo quando quero, sou hipócrita quando quero, sou sincero quando bem entendo e ninguém, nem a morte, tem nada com isto!

ATOR B - Fica em silêncio quando quer.

ATOR A - Também!

ATOR B - Você me cansa, sabe disto? Só tem olhos para o próprio rabo. Nunca disse para as pessoas que te amam que você também as ama. Ama? Responda!

ATOR A - Amo.

ATOR B - Você nunca disse que admirava as pessoas que te ensinaram o que você sabe. Você nunca disse à sua mulher o quanto ela mudou sua vida. Aos teus filhos! Você é como toda a gente que faz esta humanidade decadente! Nunca disse coisa nenhuma do que tinha que dizer e depois vem dizer que eu, a Morte, sou egoísta, indiferente, fria e calculista. Que tiro as pessoas de suas vidas e deixo outras tão tristes? Você faz pior! Já que você gosta tanto do tal Futuro do Pretérito, não seria eu, a Morte, um benefício ao mundo, não seria eu quem tira o sofrimento dos que sofrem e dos que ficam? Não seria eu quem promove novas oportunidades a ponto de deixar na memória momentos de pessoas que foram, que às vezes nem mereceriam tantas memórias inventadas? Mas é mais fácil pensar com e no Futuro do Pretérito, não é mesmo? Assim, tudo fica mais brando, as tuas culpas ficam amenas pelas fantasias de tudo aquilo que poderia ter sido dito, feito, pedido. E eu, a morte, tenho que reconhecer que estou meio bêbado, então que não me responsabilizo pelo desabafo de quem sempre é tratado como o pior que pode acontecer a um miserável que se acha digno de continuar vivo, complicando a vida dos outros, enchendo o saco da família ou bancando a vítima quando na verdade é o carrasco. **(para o Ator A)** - Quer um conselho urgente? Peça desculpas por tudo o que você deixou de fazer, porque eu estou prestes a me retirar e levar você comigo, vociferando, rindo ou chorando. **(Estica o braço com a taça vazia)** - E por favor, mais vinho!

ATOR A - Esta segunda garrafa é pra dividir com meus amigos. Você é meu amigo ou não merece um gole deste cabernet?

ATOR B - O que você quer que eu responda?

ATOR A - Quero que você me diga que é meu amigo. Que veio me dar uma chance, porque se o que interessa é o momento presente. Este é o momento presente e nele eu estou vivo.

Ator A serve mais vinho na taça do Ator B.

ATOR A - Quantos minutos eu tenho?

ATOR B - Não sei, perdi as contas. Estou meio bêbado. E eu se fosse você, aproveitava este deslize da morte para recuperar algum tipo de sentimento. Sabe...

ATOR A - O quê?

ATOR B - Acho que eu preciso vomitar.

ATOR A – O banheiro é ali.

ATOR B – Será que eu consigo chegar a tempo?

ATOR A – Problema seu.

ATOR B – Não custa tentar. Fique aí e não saia, eu já volto. E lembre-se: Ilusões.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos

Fechar meus olhos minha triste família;

Minha mulher e meus filhos de saudades morreriam

Se eu morresse amanhã!

Quanta glória, pressinto em meu futuro!

Que aurora de porvir e que manhã!

Se eu morresse amanhã...!

Ri e sai.

Ator A olha para o cenário.

ATOR A –Aquele refletor ali não foi aceso nenhuma vez. Acho que é a hora. Vamos lá. **(Vai até o refletor e o acende. Aponta para um ponto do cenário. Vai lá e coloca uma cadeira. Posiciona-se, sentado. Resolve mexer no refletor. Mexe. Volta para a cadeira e pega uma taça de vinho. Bebe.)** – A felicidade mora numa encruzilhada. Quanto tempo? Quanto tempo pra dizer o que nunca foi dito? Sei lá, não importa. Tenho tantas lembranças e momentos que nem caberiam aqui, neste último suspiro. O que é viver o momento presente? É um mito, nada mais. Tenho que confessar que nunca foi mesmo do meu costume olhar para os lados. Pouco antes de nos separarmos, numa de nossas últimas conversas, olhei pra a minha mulher e disse: “você sabe que eu te amo!”. E ela: “Não, não sei. É preciso dizer às pessoas que as amam!” Fazer não é suficiente? Não, não é. Nenhum homem é uma máquina, nenhum homem é uma ilha, nenhum homem é dono de si mesmo. Meus filhos, meus amigos, meus empregados, cada um a seu modo me deram oportunidades. Algumas eu aproveitei outras desperdicei. Mas é que... Que você sempre acha que vai haver um momento em que uma mágica vai acontecer e você vai poder livrar-se dos compromissos inadiáveis da vida e vai poder experimentar a emoção de viver você mesmo. É uma bobagem! Um dia eu estava preso num engarrafamento e com um compromisso inadiável, liguei para o escritório e a secretária atendeu. “Vou chegar atrasado! Estou no meio de um engarrafamento!” E ela, rindo, rebateu: “O senhor não está num engarrafamento, o senhor é o engarrafamento!” - **(NT)** – É, eu sou o engarrafamento. O sujeito nasce para atingir a vida, mas tudo depende dele. Ele pode seguir respirando, comendo, envelhecendo, ele pode seguir se movendo em direção ao túmulo – mas não, isso não é vida. Isso é morte lenta. É. É isso. E porque milhões de pessoas estão morrendo essa morte lenta e gradual, você também começa a imitá-los. Nós estamos rodeados pelos mortos. Eu achei que ia envelhecer e vou me despedir da vida aos 40 anos! O que é aquele sujeito que está vomitando no banheiro? A morte! **(Ri)** – A morte é a maior ilusão que existe. Ser ou não ser, eis a questão. Quem sou eu? É muito estranho que eu ainda não saiba quem eu sou e passei a

maior parte da minha vida tentando me tornar alguém. Eu não sei nem mesmo quem eu sou neste momento que antecede minha morte. Quem é aquele sujeito vomitando no banheiro? A minha morte. Ele é feio. Quer dizer, não tenho certeza se é feio. Eu o acho feio porque tenho que achar que a morte é feia. Foi assim que eu aprendi. Mas se a minha morte é feia, isso significa que a minha vida foi um desperdício. É isso.

Ator B volta.

ATOR B - Pois então... Vomitei, escovei os dentes e estou pronto para o trabalho. Você está pronto?

ATOR A - Aqui com os meus botões. Não importam os teus argumentos, levar um homem de 40 anos, pai, trabalhador, produtivo e no auge da sua inteligência é uma injustiça. Isto é ponto pacífico. Mas, diante do inevitável, o que eu gostaria? Gostaria, por exemplo, que os meus filhos se despedissem de mim afirmando que eu lhes ensinei a tratar os animais com amor e ternura. Mas eu nunca lhes dei sequer um gato. Ouvi-los, mais a minha ex-mulher, que sentirão saudades, mas do quê? Nunca fui ao cinema com qualquer um deles, nem uma sessão da tarde de televisão. Nem ao futebol, ou ao parque. Ouvi-los dizer que quando se sentiam vulneráveis diante das loucuras da vida, vinham refugiar-se no meu colo. Não, não vão dizer porque também não aconteceu. Até, quem sabe, ouvi-los dizer que os outros sentiam inveja deles pela relação que tinham comigo, seu pai. Ouvir minha ex-mulher dizer que acabou a relação, mas não o amor. Ouvi-los dizer que serei insubstituível, não pelo trabalho, mas pela convivência, pelas conversas divertidas, pelos presentes fora de hora, pelas gargalhadas, pelos abraços, pelos beijos. Ouvi-los dizer algo como: "Você se foi, bravo guerreiro, e parte de nós morre também". Isto é egoísmo?

ATOR B - No seu caso é, porque nada disso aconteceu, nem acontecerá.

ATOR A - Pois é.

ATOR B - Você me causa pena.

ATOR A - Obrigado.

ATOR B - Uma última pergunta.

ATOR A - Diga.

ATOR B - Despediu-se, pelo menos, da plateia?

ATOR A - Ao meu modo.

ATOR B - Podemos ir, então?

ATOR A - Podemos.

ATOR B - Tem certeza de que você não quer dizer adeus, de verdade? Dando a cara a tapa? Afinal, eles se importaram com você. Se interessaram pela sua história, viveram seus dramas, acreditaram que você sofreu, se compadeceram daquilo que você deixou escapar por entre os dedos. O que custa abandonar-se neste último instante? Compartilhe isso, porque tudo que é compartilhado fica mais leve. Inclusive a morte. Você pode dizer adeus, não existe nenhuma necessidade de lágrimas de tristeza. Se bobear, podem até ser lágrimas de felicidade. É tudo uma questão de ponto de vista. Que tal?

Pequena pausa.

O Ator A vai até a plateia e olha profundamente nos olhos do público.

ATOR A - Adeus.

ATOR B - **(Também para a plateia)** - Eu também me despeço, mas não digo adeus. Digo-lhes até breve, porque virei buscá-los um dia. Um dia que não conto qual pra não estragar a surpresa. Mas saibam que isto não é pouca coisa. Não vai haver ninguém igual a cada um de vocês quando partirem comigo, assim como não há ninguém igual a nenhuma outra pessoa. Porque quando as pessoas morrem, não podem ser substituídas. Elas deixam buracos que não podem ser preenchidos. É destino de cada ser humano ser um indivíduo único, achar seu próprio caminho, viver sua própria vida e morrer sua própria morte. Mas nada foi perdido se vocês amaram e foram amados, receberam muito e deram algo em troca, se viajaram, se pensaram, se pelo menos tentaram transformar o mundo à sua volta. **(NT)** - Viram? Não sou tão má assim! **(Para o Ator A)** - Chegou a hora. Não se preocupe com o cenário, nem com as luzes. O pessoal do teatro vai cuidar deles.

ATOR A - Que bom.

ATOR B - Sabe qual é a recompensa final dos mortos?

ATOR A - Qual?

ATOR B - Não morrer nunca mais. **(NT)** - Vamos?

ATOR A - Você pode me dizer se para onde vamos eu vou me encontrar, por exemplo, com Shakespeare?

ATOR B - Quem sabe.

ATOR A - Aí ele vai me dizer se realmente a morte é "um espelho que nos ensina ser a vida apenas um sopro passageiro".

ATOR B - E que importância isto vai ter?

ATOR A - Nenhuma, mas se eu encontrar Shakespeare - veja que chique! - a morte terá valido a pena.

ATOR B - Engraçadinho.

ATOR A - Aprendendo com você.

ATOR B - Vamos ter a eternidade para contarmos piadas um ao outro, refletirmos sobre Shakespeare, Fernando Pessoa, Charles Chaplin, Nietzsche.

ATOR A - E rirmos dos vivos.

ATOR B - É, vamos dar muitas risadas. Então vamos?

ATOR A - E vamos sair assim? Sem uma música?

ATOR B - Ah, claro! Frank Sinatra!

Entra a música.

ATOR B - Sabe... Acho que este pode bem ser o começo de uma grande amizade.

TOCA FRANK SINATRA (THAT'S LIFE) E OS DOIS VÃO EMBORA.

FIM

